



## OFÍCIOS TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

**LOURES, Patrícia Marcelina**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Departamento de Educação  
Rua 06 nº. 254. Nova Veneza- GO Cep:75470.000  
patricia.lourespucgo@gmail.com

### **RESUMO**

O intuito deste trabalho é, levantar reflexões acerca de saberes que acabam por se constituírem enquanto ofícios. Em decorrência desta questão, os agentes sociais praticantes de determinados saberes populares, atribuem à história, à memória ligada em sua maioria aos antepassados, usos, costumes, aprendizagens que tornam-se visíveis por meio de uma espécie de trabalho voluntário, exercido na comunidade em que atuam. Há uma espécie de liderança conquistada por meio do carisma que é característica dos agentes sociais em questão. Tais ofícios só se fazem presentes numa comunidade devido às demandas existentes. É possível perceber a existência de grupos distintos seguindo moldes similares por meio de rituais que acontecem em determinadas épocas do ano. Os membros exercem atividades não remuneradas, mas que nos parece ser gratificadas de outras formas, que não as postas usualmente na sociedade global, sendo passíveis de serem valorizadas enquanto patrimônio cultural das comunidades às quais pertencem. Nesse sentido, exploraremos os conceitos de saberes, saberes populares, ofícios que são transmitidos às novas gerações e que podem ser entendidos como processos educativos. Analisaremos a importância da Educação Patrimonial, em se tratando da recolha dos conhecimentos tradicionais que por muitas vezes não são valorizados em nossa sociedade podendo ser entendidos como relações educativas. Buscamos compreender ainda, se a categoria trabalho está aliada ao fazer diário presente nos ofícios. Os saberes a serem expostos neste trabalho e que serão abordados enquanto ofícios dizem respeito à benzedores/benzedoras, foliões de Santos Reis e São Sebastião, rezadores, festeiros que seguem um calendário festivo religioso rigoroso para realizarem seus ofícios.

**Palavras-chave:** Ofícios tradicionais; Educação Patrimonial; Trabalho

## 1. CONCEITUANDO OS OFÍCIOS TRADICIONAIS

*Todo objeto ou ação que diz respeito à identidade e à memória de uma sociedade constitui seu patrimônio, assim como as manifestações materiais e imateriais. (SOARES e KLAMT, 2004,p.48)*

O que são ofícios tradicionais? A princípio parece uma questão de simples resposta, porém se pensarmos na sociedade atual não é de fácil compreensão, principalmente, em se tratando de uma espécie de trabalho voluntário, por meio dos quais, os agentes sociais atuam no dia a dia, sem a conotação corriqueira ligada a categoria trabalho que predomina em nossa sociedade. O fato de justamente não ser predominância, gera certa curiosidade pela forma de manutenção de certos bens ligados à cultura não material, ou seja, a permanência de saberes tradicionais faz com que, voltemos neste momento o olhar para os agentes sociais que promovem ações ligadas a determinadas funções sociais distintas numa comunidade.

Na tentativa de estabelecer caminhos para compreensão desta temática, iniciamos por uma breve análise de termos conceituais que a envolve. Segundo o dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras (2011), a palavra **ofício** dentre outros desígnios, significa profissão ou trabalho que demanda especialização: ofício de jardineiro. A tarefa de cada profissional em sua área de serviço: “*ofício do professor ao ensinar, educando*”. Conjunto de orações salmos e antifonas com que a Igreja celebra as festas do calendário litúrgico: “*ofício de Nossa Senhora, ofício das Trevas*”. Serviço prestado a alguém. Qualquer cerimônia de um culto.

Em meio a estas designações envolvendo a palavra ofício, ousamos afirmar que os ofícios tradicionais tratados neste trabalho englobam partes significativas de sua definição que ora são apresentadas e seguidas como moldes ou certas condutas em nossa sociedade. Dito de outro modo os ofícios tradicionais são vistos aqui como uma espécie de profissão, modos de ser e agir, não reconhecida em termos formais, porém, há que atribuir um valor, mesmo que imaterial ao serviço prestado por diversos agentes. Não há registros numéricos ou em termos legais, da quantidade e da incidência nas comunidades. Mas ao nosso ver, as atividades que executam estão situadas entre o termo trabalho e profissão, que embora popular, demanda uma certa especialização, aceite desta especialização por parte do grupo ( comunidade) pois, em cada ofício tradicional está presente uma certa especificidade que o diferencia de determinado ofício. Há aqui processos inerentes à própria vida e história de vida dos envolvidos.

Contudo, não podemos deixar de pontuar o caráter religioso popular presente nos ofícios. Para melhor compreender, digamos que os agentes sociais apresentam um dom messiânico. Quando presta-se um serviço a alguém, por meio de uma espécie de culto, cerimônia, celebração dentro de certas normas rituais, estas são pertencentes, criadas e recriadas pelo grupo ( comunidade) e perpetuada de alguma forma pelos participantes.

Para apreendermos o termo “ofícios tradicionais”, vejamos a definição do segundo. A palavra “**tradicional**”, de acordo com o dicionário UNESP ( 2012) do português contemporâneo é relativo ou pertencente à tradição: “*tradicionais cantigas de roda*”. Que segue a tradição; que existe há muito tempo: “orgulha-se de pertencer à família tradicional”. Já no dicionário da Academia Brasileira de Letras (2011) acrescenta-se: “que conserva a tradição”. Desse modo podemos afirmar que, ofícios tradicionais são uma espécie de profissão, não reconhecida em termos formais, não tendo registros numéricos ou garantias na forma da lei. Contudo, estão situados entre o termo trabalho e profissão, embora popular, apresentam uma demanda especializada de serviços a serem prestados mediante o aceite da comunidade a qual pertence.

## 2. PARA ENTENDER O PATRIMÔNIO

De acordo com o dicionário UNESP (2011), **patrimônio**, é o conjunto de bens que pertence a uma pessoa, família ou empresa. Exemplificando, “*eu tinha um patrimônio e cuidava bem dele*”. Segue-se herança paterna; de bens de família, exemplificando, “*a preocupação naquela família, e sempre aumentar o patrimônio*”. Define-se ainda como conjunto de bens naturais ou culturais que busca preservar; riqueza ou bem, “*aquele povo preserva com extremo carinho o seu patrimônio histórico*”. E por fim, quantidade de material disponível, “*aquele notável patrimônio de livros antigos era cuidado como um tesouro*”.

Ao observar as designações do dicionário, faz-se necessário algumas adaptações para melhor compreender o conceito de patrimônio. Enfim não desconsideramos o conceito ligado a materialidade, mesmo porque sem a qual não haveria boa parte da constituição imaterial a qual temos observado em nosso estudo. Concordamos que o conceito de patrimônio está ligado a um conjunto de bens de uma pessoa, família ou grupos não familiares, estando ligados de alguma forma por bens materiais, mas sem dúvida há também a preeminência de bens imateriais ligados a esses grupos familiares ou não familiares, mas que comungam de

certas práticas, ritos e rituais e por esse motivo cuidam desse patrimônio tal como cuidariam de um tesouro.

Seguindo esta linha de pensamento, admitimos que há uma herança repassada e mantida pelo grupo portanto há transmissão de saberes (patrimônio imaterial) que são mantidas ao longo das gerações mas estas são transmitidas não por determinação de gênero e ou sem idade. É pela necessidade do grupo, podendo haver mulheres, homens, jovens e crianças que iniciam o aprendizado dos ofícios. Dessa maneira ocorre a manutenção do patrimônio e “o cuidar bem dele”. Portanto, não há somente herança paterna ou materna - há ainda herança de agentes sociais que não se enquadram em grau de parentesco biológico. Assim sendo edificam uma espécie de parentesco cultural, construído também culturalmente e que por esse motivo resolvem em grupos guardar os bens sem a preocupação de “aumentar os bens” a finalidade é apenas mantê-lo e dessa forma, as novas gerações acabam construindo uma espécie de reformulação não sendo estes imutáveis.

No processo de preservação em que os procedimentos educativos estão em plena vitalidade. Ocorre então a salvaguarda dos bens que é sim feita por uma espécie de laços afetivos que vão definindo o grau de importância. Não é a quantidade de determinados bens que está em evidência. A manutenção, permanência, dependerá do valor imaterial atribuída pelo grupo que consideram-no como um rico patrimônio histórico e cultural da sociedade. Via de regra os processos de aprendizagem presentes nos rituais, é o que faz com que os mesmos continuem a existir nos dias atuais. Quando uma criança ou jovem participa de um ritual, de algum modo está internalizando os procedimentos necessários para a permanência do mesmo no seio da comunidade.

### **3. O TRABALHO E CARISMA EM MEIO AOS OFÍCIOS TRADICIONAIS**

Ao estudarmos a categoria trabalho em Marx e na possibilidade de a utilizarmos para a compreensão dos ofícios tradicionais a utilizamos de forma tímida uma vez que tal conceito ora parece colaborar, ora parece distanciar-se.

Segundo Moreira Neto (2004) se considerarmos a grande variedade de trabalhos empregados em cada utilidade, perceberemos que sem a ajuda e cooperação de milhares não seria possível prover as necessidades, nem mesmo de uma pessoa mais simples de um país civilizado.

O autor prossegue dizendo que, por mais que imaginemos ser muito pouco e muito simples aquilo de que tais pessoas necessitam.

Em comparação com o luxo extravagante dos grandes, as necessidades e pertences de um novo operário certamente parecem ser extremamente simples e fáceis e, no entanto, talvez seja verdade que a diferença de necessidade de um príncipe europeu e de um camponês trabalhador e frugal nem sempre é muito maior do que a diferença que existe entre as necessidades deste último e as de muitos reais africanos, senhores absolutos da vida e da liberdade de milhares de selvagens nus. (SMITH, 1983, p. 46 apud, MORAES NETO, 2004, p.8-9)

De acordo com Moraes Neto (2004) existe algo de misterioso no tratamento dado por Marx à categoria “trabalho”, cuja relevância é preciso analisar. Assim é definido [...] “trabalho é aqui a coisa fundamental, o poder sobre os indivíduos, e na medida em que o trabalho exista, a propriedade privada deve existir”. (MARX & ENGELS, 1991, p. 78 apud, MORAES NETO, 2004, p.11)

É notório que os agentes sociais, membros essenciais no que tratamos aqui enquanto ofícios tradicionais exercem certo poder sobre os sujeitos da comunidade, muito embora não encontramos o que Marx e Engels chamaria de acúmulo de capital o que constituiria a propriedade privada.

Há algo que difere a percepção de trabalho na sociedade capitalista. As relações de exploração, o acúmulo de bens, a mais - valia. Há sim, no que chamamos de ofícios tradicionais algo que supera ou substitui o valor monetário e as relações economicistas promovidas pela produção de bens de consumo. Consideramos tais relações como fenômenos sociais explicados por Weber, uma vez que produzem relações e resultados diferentes dentro da mesma sociedade. Para Bech:

Foi Max Weber que, na década entre 1910 e 1920, criou um tipo ideal sociológico através do conceito de *carisma* que nos permite entender e explicar fenômenos sociais, caracterizados geralmente — e de forma alguma restrita apenas à vida religiosa — em sua oposição ao cotidiano, ordenado e duradouro. Quando Weber separou o conceito de carisma dos seus contextos originais mágico-religiosos e teológicos, e a partir dele desenvolveu um tipo ideal sociológico, ele conferiu ao irracional, extracotidiano e singular, ou seja, ao “outro lado” da normalidade e racionalidade do mundo da vivência, um status conceitual e um sólido fundamento teórico próprio.[...]( BACH, 2011, p.52-53)

Bech (2011) afirma que, assim, as forças sociais afetivas , em termos gerais, não racionais, que rompem de forma abrupta e radical com as tradições e rotinas do dia a dia e geram algo radicalmente novo, se tornaram, pela primeira vez, acessíveis a uma análise sociológica

sistemática. Weber vê uma ligação entre o conceito de carisma sendo um problema de explicação específico, que pode ser elucidado através da seguinte pergunta: Como se desenvolve algo novo na história? O que origina revoluções que transformam o mundo? E o que causa um novo início e uma mudança de direção no decorrer da história da sociedade?

O autor afirma nesse sentido que o carisma, portanto, precisa ser compreendido não só como um modelo tipológico, mas também e principalmente como modelo de explicação. Mais ainda: com o conceito de carisma, Max Weber desenvolve uma forte categoria complementar ao conceito de racionalismo. Portanto, a história da sociedade se movimenta em um campo de tensão constante entre racionalização e desracionalização. Estamos lidando com um processo “dialético”, cuja tensão básica Weber tenta captar de modo teórico através dos termos carisma *versus* racionalismo.

O carisma precisa, então, também ser entendido como chave sociológica para a compreensão daquelas correntes sociais que interrompem, muitas vezes de forma inesperada e abrupta, a teleologia aparentemente evolucionista e unidimensional do racionalismo, suspendendo os valores institucionais vigentes e fazendo com que, através de personificações, novos coletivos com forte pressão para a conformidade conquistem o controle. [...] “o conceito de carisma não possui, na obra tardia de Weber, apenas um status residual reservado para a descrição de epifenômenos ou anomalias sociais. Weber usa o carisma para denotar uma tensão fundamental que, como processo contrário, sempre está presente no cosmo do racionalismo fundamentalmente contraditório em si mesmo”. (BACH, 2011, p53)

O carisma é a grande força revolucionária nas épocas com forte vinculação à tradição [...] O carisma destrói [...] em suas formas de manifestação mais sublimes regra e tradição e inverte todos os conceitos sacrais. Ao invés da piedade em relação àquilo que é, desde sempre, considerado comum, e por isso sacral, ele força a sujeição interna sob aquilo que nunca antes existiu, sob o absolutamente singular, e por isso divino. Nesse sentido puramente empírico e neutro, é, porém, o poder especificamente criativo e revolucionário da história (Weber, 1991: 161 apud, BACH, p. 54).

A partir de Weber podemos compreender melhor os papéis exercidos pelos ofícios tradicionais numa determinada comunidade. Por meio do carisma, os sujeitos exercem uma força criativa e ou destrutiva que vão possibilitando por meio de uma nova ética um novo desenho à história dos agentes. No caso dos ofícios, criativa, construtiva e solidária.

A vivência coletiva propicia ao líder carismático oportunidades para:

[...] a aquisição de poder, que podem ser aproveitadas de forma consciente ou acidental, dado que, como pessoa, ele consegue se transformar na única garantia para a realização e a pureza dos conteúdos religiosos proclamados e exigir, no interesse da realização das promessas de redenção e/ou dos efeitos

caritativos positivos vinculados à sua missão pessoal, uma obediência incondicional de seus seguidores e discípulos. Neste caso, porém, o carisma “força” a “sujeição” como consequência da lealdade aos valores, no nível da ação. Assim, o carisma se transforma em um recurso de poder e passa a constituir, ao mesmo tempo, uma relação de dominação. (BACH, p. 56).

Desse modo, podemos entender o carisma como uma espécie de qualidade pessoal do agente, (rezador, benzedeira, folião dentre outros) que por sua vez adota saberes ou qualidades ímpares e reconhecidas na comunidade, propiciando em meio às relações sociais por sua vez efeitos recíprocos.

Não é somente trabalho e nem somente carisma. Nesse sentido o carisma é uma característica necessária aos líderes que transmitem seus ofícios ao realizá-lo. Ousamos dizer que por fugir às regras impostas à sociedade os líderes portadores de saberes agem em suas comunidades exercendo uma espécie de trabalho, tendo sido previamente aceitos, em ritos iniciais que nunca terminam, pois se renovam a cada ano quando exercem trabalhos gratuitos, por assim dizer, voluntários.

Talvez fosse necessário criar uma nova modalidade para definir o trabalho voluntário (diferentemente do trabalho voluntário Amigos da Escola, que os indivíduos vão quando têm tempo e por vezes não comparecem, já que é voluntário e não precisa cumprir religiosamente seu trabalho) aos mantenedores dos ofícios tradicionais. Uma vez que cumprem rigorosamente de forma gratuita um calendário festivo religioso através de seus ofícios atendendo às comunidades. O que parece lhes gratificar é algo inexprimível.

#### **4. OS PROCESSOS EDUCATIVOS DE TRANSMISSÃO DE SABERES**

Todos esses processos mantêm-se ao longo de gerações, não por mecanismos formais, mas por mecanismos não formais ou informais de sobrevivência.

Em se tratando de educação a LDBEN nº 9394/96 em seu título I, traz um conceito mais amplo de educação: Art. 1º. “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Tais elementos evidenciam que a educação abrange em termos legais não só todos os processos formais, mas também envolve toda a problemática discutida neste trabalho. É visível na lei que rege os processos de educação formal que, a educação abarca todos os processos formativos da convivência humana, incluindo as manifestações culturais.

Segundo aponta Burke (2010) alguns rituais populares se modelaram segundo a literatura cristã. Assim, os símbolos religiosos, as festas, as rezas, demonstram ter um sentido agregador do grupo disperso pelo capitalismo.

Loures (2012) ao observar os processos de transmissão de saberes, afirma que, há momentos bem visíveis em que a ação educativa dos adultos se faz presente de maneira informal. Enfatizando-se os sentidos que os rituais representam para aquele grupo. Já em outros casos, as aprendizagens são tão implícitas que se tornam quase invisíveis. E como salienta Aguiar (1991), as crianças uma vez tratadas como protagonistas, diante de sua evidente importância viabiliza a transmissão de conhecimentos e, de certa forma, assegura a sobrevivência de uma cultura, principalmente em se tratando de “povos” que utilizam apenas recursos orais para a transmissão de saberes.

Nesse sentido, podemos afirmar que os ofícios tradicionais são portadores de saberes guardados não em museus ou escolas especializadas, mas por meio da memória de seus agentes. Assim as festividades e ritos ligados ao catolicismo popular apresentam-se como um campo fértil para a veiculação e transmissão de saberes. A geração mais velha por meio de recursos da memória, transmite o que sabem por meio de mecanismos orais o seu repertório cultural aos mais jovens.

A benzedeira transmite não só sua reza e disposição para atender quem a procura, seja velho ou criança, mas também ensina um ethos, um modo de viver e se portar diante das situações do dia a dia. Como numa escola há todos os recursos necessários tanto a realização do ritual como também em momentos de transmissão de maneira informal. O que definirá este momento será a necessidade do grupo

As crianças apreendem parte do processo ritual enquanto recebem uma oração. Ela sabe que tem que estar em silêncio, como deve portar-se antes, durante e depois que termina a benzeção. Situação sinalizada por Rodrigues (2008) no documentário “Benzeduras” realizado na cidade de Damolândia - Goiás e pesquisada durante a pesquisa etnográfica de Loures (2012) na cidade e zona rural de Nova Veneza – Goiás.



FIGURA 01 - Benzeção contra Quebranto



Fonte: LOURES, 2012, p.81

As imagens que se seguem demonstram crianças em momentos rituais onde rezadores que não aparecem nas fotografias, mas que estão próximos às crianças dando continuidade a novena anual de São Sebastião. Momento em que as crianças experienciam e também adquirem certas posturas que se constituem enquanto aprendizados já que ao final de nove dias de encontros ritualísticos esperam o banquete que é oferecido a elas. Já que é base da fundamentação do rito oferecer o jantar primeiro às crianças e não aos adultos.

Todas ao serem argüidas já sabiam que haviam de esperar este momento em que os adultos as observam. Somente quando as crianças terminam é que os adultos podem se alimentar. Um dado curioso é que foi a primeira vez que o ritual foi realizado na zona urbana, dificultando parte da realização do mesmo, uma vez que no momento em que junto alimentação dos inocentes deveria ocorrer também a alimentação dos animais (cães) que haveria de ser no mesmo número de crianças. Já que desde o início do rito realizado na época dos Revoltosos não tendo data exata, mas de acordo com os registros históricos a Coluna Prestes que passou pela região foi datada de 1925. Daí a importância dos registros dos eventos da cultura popular para que os mesmos não se percam.

FIGURA 02 - Alimentação dos inocentes



Fonte: LOURES, 2012, p.131

O momento final após o jantar, uma procissão levantamento do mastro e por fim as velas acesas aos pés do mesmo, sendo realizadas pelas crianças que participaram do início ao fim do ritual. Durante todo o tempo as crianças observam atentas à realização do ritual. Ora brincam, ora participam ativamente. Os adultos atuam como transmissores de determinados elementos que são o conteúdo das manifestações culturais.

FIGURA 03 - Crianças organizando as velas ao fim da novena, após a subida do mastro de São Sebastião.



Fonte: LOURES, 2012, p.132

De acordo com Loures (2012) baseada nos estudos de Bourdieu (2008), as imagens com a presença da realização dos ofícios por meio dos adultos, com a presença ativa (e não passiva) demonstra o momento do aprendizado que uma vez ritualizando-se dentro de um calendário festivo que se repete a cada ano. Ocorre a transmissão de saberes e mais, compreendemos a “importância da socialização primária para a persistência de crenças e rituais na atualidade. Entendemos que esses aprendizados acabam se tornando coletivos, pois, assim, são cumpridos de forma coletiva e se constituem, pelo que entendemos, por meio do *habitus*”. (LOURES, 2012, p.128)

FIGURA 04 - Folia de Reis da região Viradouro.



Fonte: LOURES, 2012, p.144

O mesmo observamos em relação a Folia de Reis. Ao exercer os ofícios os foliões (líderes carismáticos, possuidores de um respeito conquistado) acabam por transmitirem seus saberes às crianças e adolescentes que acompanham o ritual, proporcionando a renovação dos rituais.

## 5. OFÍCIOS TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Na busca de definição legal que envolva o Patrimônio imaterial, encontramos no site do IPHAN os seguintes indicativos,

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação –

como o Registro e o Inventário – além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30/11/1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos. Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Nesse sentido, os artigos da Constituição, reconhecem a inclusão nas políticas patrimoniais - os bens culturais que compõem os diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Segundo o IPHAN, e conforme demonstramos no decorrer deste trabalho, o Patrimônio Cultural Imaterial é transmitido de geração a geração, recriado pelas comunidades e grupos que a compõe, *“gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade”*.

Desse modo, a preservação cultural é o forma de resguardar para as futuras gerações o contato com a história, seus usos, costumes, tradições, ofícios, produções artísticas, musicais, religiosas dentre outras. Nesse sentido as instituições ligadas à educação museal, educação escolar e não escolar. Para tanto, é necessária e urgente a busca de parcerias frutíferas entre instituições de ensino e pesquisa, com instituições representativas das políticas públicas quanto à disposição e disponibilidade de profissionais que trabalham nesta causa.

É indispensável a união de esforços no que diz respeito a Educação Patrimonial, uma vez que esta contribuirá não com a transmissão dos saberes em si, pois este é papel dos agentes sociais que definem o que, quando, como, e porque fazem o que fazem. A Educação Patrimonial sinalizada em leis em diversos níveis precisa ocorrer de fato, embora percebamos que em determinadas regiões do país estão apenas num tímido início.

## 6. REFERÊNCIAS

BACH, Maurizio. **Carisma e Racionalismo na Sociologia de Max Weber**. (Tradução de Markus A. Hediger). Revista *Sociologia&Antropologia*, v.01;p. 51 – 70, 2011.Disponível em: [http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano1v1\\_artigo\\_maurizio-bach.pdf](http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano1v1_artigo_maurizio-bach.pdf). Acesso em Abril de 2014

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: uma contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3ª Ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

LOURES, Patrícia Marcelina. **Nova Veneza: Culturas Imateriais em Festa**. In: Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa, Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq): os sertões da Bahia. Caetité, v. 1, nº 1, out. 2011. (ISSN 2237-2407). Disponível em: [WWW.gruposertoos.uneb.br](http://WWW.gruposertoos.uneb.br). Acesso em março de 2011.

\_\_\_\_\_, Patrícia Marcelina. **Inventário de benzeções, rezas e novenas, folias e gongada: educação nas manifestações culturais** (Dissertação de Mestrado) PUC- GO, Goiânia, 2012

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso**. In: Pesquisa em educação: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986..

MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. **O Percurso Teórico da “abolição do trabalho”** (ou da superação da “angústia smithiana”) em Marx: avanços e recuo. Revista da Sociedade brasileira de Economia Política, Rio de Janeiro, nº. 14, junho de 2004, p.7-31

RODRIGUES, **Adriana. Benzeduras. Brasil**. (Documentário).2008.

SOARES, André Luis R. e KLAMT, Sérgio Celio. **Breve Manual de Patrimônio Cultural: subsídios para uma educação patrimonial**. Revista CEPA, vol.28,n.especial, Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004.